



Gramática da Libras

REFERÊNCIAS

1. ADAM, R. Language contact and borrowing. In: **Sign language**: an international handbook. Berlin: De Gruyter Mouton; 2012. p. 841-861.
2. ALBRES, N. de A. Tradução de literatura infanto-juvenil para língua de sinais: dialogia e polifonia em questão. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada** [On-line], Belo Horizonte, v. 14 n. 4, Out./Dez. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1984-639820145540>. Acesso em: 10 nov. 2020.
3. AMPESSAN, J. P. **A escrita de expressões não manuais gramaticais em sentenças da libras pelo sistema SignWriting**. 2015. 326f. Dissertação (Mestrado em Linguística)– Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.
4. ANTUNES, I. **Lutar com palavras**: coesão e coerência. São Paulo: Parábola, 2005.
5. ARROTÉIA, J. Papel do marcador 'aceno da cabeça' em sentenças não-canônicas. Apresentação no III Seminário Internacional Abralín, UFRJ. Rio de Janeiro. 2003.
6. ARROTEIA, J. **O papel da marcação não-manual nas sentenças negativas em Língua de Sinais Brasileira (LSB)**. 2005. 119f. Dissertação (Mestrado em Linguística)– Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2005.
7. ASCOMBRE, J.-C.; DUCROT, O. Deux mais en Français. **Lingua**, n. 43, p. 23-40, 1977.
8. ABNT. **NBR 6028/2003**: Informação e documentação: Resumo. Rio de Janeiro: ABNT, 2003.

9. BAKER, C.; PADDEN, C. Focusing on the nonmanual components of American Sign Language. *In*: SIPLE, P. A. (Ed.). **Understanding language through Sign Language Research**. New York: Academic Press, 1978. p. 27-57.
10. BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Tradução de P. Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
11. BALLY, C. **Linguistique générale et linguistique historique**. Berne: Francke, 1965.
12. BATTISON, R. M. **Lexical borrowing in American Sign Language**. Silver Spring, 1978.
13. BAUMAN, H-D. Getting out of line: toward a visual and cinematic poetics of ASL. *In*: BAUMAN, H-D.; NELSON, J.; ROSE, H. (Ed.). **Signing the Body Poetic**. California: University of California Press, 2006. p. 95-117.
14. BEAUGRANDE, R.; DRESSLER, W. U. **Introduction to Textlinguistics**. London: Longman, 1981.
15. BRONCKART, J. P. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo**. São Paulo: EDUC, 1999.
16. CABRÉ, M. T. Importancia de la terminología en la fijación de la lengua. **Revista internacional de língua portuguesa**, Lisboa, Editorial Notícias, n. 15, jul. 96, p. 9-24, 1996.
17. CARVALHO, C. dos S. Processos sintáticos de articulação de orações: algumas abordagens funcionalistas. **Veredas**. Juiz de Fora, v. 8, n. 1, p. 9-27, jan/dez, 2004.
18. CARVALHO, N. **Empréstimos Linguísticos na língua portuguesa**. São Paulo: Cortez, 2009.
19. CASTILHO, A. T. de. **Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.
20. CASTRO JUNIOR, G. de. **Variação linguística em Língua de Sinais Brasileira: foco no léxico**. 2011. 123f. Dissertação (Mestrado em Linguística)– Universidade de Brasília, Brasília, 2011.
21. CHAIBUE, K. **Universais linguísticos aplicáveis às línguas de sinais: discussão sobre as categorias lexicais nome e verbo**. Goiânia, 2013.

22. CHEN, D. **Investigation of word order acquisition in early ASL**. University of Connecticut: Unpublished manuscript, 1998.
23. COSTA, M. R. **Proposta de modelo de enciclopédia visual bilíngue juvenil**: enciclobras. 2012. 151f. Dissertação (Mestrado em Linguística)–Universidade de Brasília, Brasília, 2012.
24. COULTER, G. Raised brows and wrinkle noses: the grammatical function of facial expression in relative clauses and related constructions. In: CACCAMISE, F; HICKS, D. (Ed.). **ASL as a bilingual, bicultural context**: proceedings of the second national symposium of sign language research and teaching, Coronado: NAD, 1978. p. 65-74.
25. DACHKOVSKY, S. Facial expression as intonation in Israeli Sign Language. The case of neutral and counterfactual conditionals. In: QUER, J. (Ed.). **Signs of the Time**: selected papers from TISLR 2004. Hamburg: Signum, 2008. p. 61-82.
26. DACHKOVSKY, S. **Emergence of the conditional construction in Israeli Sign Language**. University of Haifa. Noprelo.
27. DAVIDSON, K. Scalar implicatures in a signed language. **Sign Language & Linguistics**, v. 17, n. 1, p. 1-19, 2014.
28. DIJK, T. A. V. **Cognição, discurso e interação**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2013.
29. DONNELLY, C. **Linguistics for writers**. Buffalo: SUNY Press, 1994.
30. DUBOIS, J. et al. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 2006.
31. DUCROT, O. Argumentação retórica e argumentação linguística. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 44, n. 1, p. 20-25, jan./mar. 2009.
32. DUNDES, A. What Is Folklore? In: Dundes, A. (Ed.). **The Study of Folklore**. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1965. p. 1-6.
33. EMMOREY, K. **Language, Cognition, and the Brain**: insights from Sign Language Research. Mahwah: Lawrence Erlbaum and Associates, 2002.

34. ENGBERG-PEDERSEN, E. **Space in Danish Sign Language**. Hamburg: Signum, 1993.
35. ETHNOLOGUE. **Language of the World**. Disponível em:
<https://www.ethnologue.com/subgroups/sign-language>. Acesso em: 10 fev. 2020.
36. FARIA-NASCIMENTO, S. P. **Representações Lexicais da Língua de Sinais Brasileira: uma proposta lexicográfica**. 2009. 290f. Tese (Doutorado em Linguística)– Universidade de Brasília, Brasília, 2009.
37. FÁVERO, L. L. **Coesão e coerência textuais**. São Paulo: Ática, 1991.
38. FERREIRA-BRITO, Lucinda. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
39. GÖKGÖZ, K. **The Nature of Object Marking in American Sign Language**. 2013. Tese (Doutorado)– Purdue University, West Lafayette, Indiana, 2013.
40. HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. New York: Edward Arnold, 2014.
41. HALLIDAY, M.; HASAN, R. **Cohesion in English**. London: Longman, 1976.
42. HASPELMATH, M. Coordinating constructions: an overview. In: HASPELMATH, M. (Ed.). **Coordinating constructions**. Amsterdam: Benjamins, 2004. p. 3-39. (Typological Studies in Language, 58).
43. HERRMANN, A.; STEINBACH, M. Satztyp und Gebärdensprache. In: MEIBAUER, J.; STEINBACH, M.; ALTMANN, H. (Ed.). **Satztypen des Deutschen**. Berlin: De Gruyter, 2013. p. 786-814.
44. HESSEL, C. S. Literatura Surda: análise da circulação de piadas clássicas em Línguas de Sinais. 2015. 195f. Tese (Doutorado em Educação)– Faculdade de educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.
45. HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
46. JACKSON, H. Grammar and Meaning. **A Semantic Approach to English Grammar**. London/New York: Longman, 1990.
47. JASINSKAJA, K. Correction by adversative and additive markers. **Língua**, n. 122, p. 1899-1918, 2012.

48. KARNOPP, L. Produções culturais de surdos – análise de literatura surda. **Cadernos de Educação**, Faculdade de Educação, Pelotas, ano 19, n. 36, p. 155-174, maio/ago. 2010. Disponível em: <http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/viewFile/1605/148>. Acesso em: 10 nov.2020.
49. KATO, M. A.; NASCIMENTO, M. **Gramática do português culto falado no Brasil**: a construção da sentença. São Paulo: Contexto, 2015.
50. KENEDY, E.; OTHERO, G. de A. **Para conhecer sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2018.
51. KIMMELMAN, V. Impersonal reference in Russian Sign Language. **Sign Language & Linguistics**, v. 21, n. 2, p. 204–231, 2018.
52. KIMMELMAN, V. Acceptability judgments in sign linguistics. *In*: **Cambridge Handbook of Experimental Syntax**. No prelo.
53. KINTSCH, W.; DIJK, T. A. V. Toward a model of text comprehension and production. **Psychological Review**, v. 85, n. 5, p. 363-394, set. 1978.
54. KOCH, I. G. V. **Texto e coerência**. São Paulo: Cortez, 1989.
55. KOCH, I. G. V. **O texto e a construção dos sentidos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1998.
56. KOCH, I. G. V. **A coerência textual**. 16. ed. São Paulo: Contexto, 2005.
57. KRENTZ, C. The camera as printing press: how film has influenced ASL literature. *In*: BAUMAN, H-D.; NELSON, J.; ROSE, H. (Ed.). **Signing the Body Poetic**. California: University of California Press, 2006. p. 51-70.
58. LAKOFF, R. If's, and's, and but's about conjunction. *In*: FILLMORE, C. F.; LANGENDOEN, D. T. (Ed.). **Studies in Linguistic Semantics**. New York: Holt Rinehart & Winston Inc., 1971. p. 114-149.
59. LANGACKER, R. W. **Foundations of cognitive grammar**: theoretical foundations. Stanford: Stanford University Press, 1987. v. 1.
60. LEITE, M. Q. Purismo no discurso oral culto. *In*: PRETI, D. (Org.) *et al.* **O discurso oral culto**. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 1999.

61. LEITE, T. A. **A segmentação da língua de sinais brasileira (libras):** um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos. 2008. 280f. Tese (Doutorado em Letras)– Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
62. LEITE, T. A.; QUADROS, R. M. de. Línguas de sinais do Brasil: reflexões sobre o seu estatuto de risco e importância da documentação. In: STUMPF, M; QUADROS, R. M.; LEITE, T. A. (Org.). **Estudos da Língua Brasileira de Sinais**. Florianópolis: Insular, 2014. p.15-28. v. 2.
63. LIDDELL, S. K. Head Thrust in ASL Conditional Marking. **Sign Language Studies**, v. 52, p. 244-262, 1986.
64. LILLO-MARTIN, D.; QUADROS, R. M. de. Structure and acquisition of focus constructions in ASL and LSB. Presented at Theoretical Issues in Sign Language Research (TISLR VIII), Barcelona, 2004.
65. LIMA, A. **Relações hipotáticas adverbiais na interação verbal**. 2002. 190f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa)– Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2002.
66. LIMA, A. P. de. O processo de elaboração e domínio de gêneros de discurso via atividade reguladora. SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS, 5., 2009, Caixas do Sul, RS. **Anais [...]**. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2009. Disponível em: http://www.ucs.br/ucs/tplSiget/extensao/agenda/eventos/vsiget/portugues/anais/textos_auto/arquivos/o_processo_de_elaboracao_e_dominio_de_generos_do_discurso.pdf. Acesso em: 20 jan. 2019.
67. LIMA, A. P. de. Procedimentos teórico-metodológicos de estudo de gêneros do discurso: atividade e oralidade em foco. In: BRAIT, B; MAGALHÃES, A. S. (Org.). **Dialogismo: teoria e(m) prática**. São Paulo: Terracota, 2014.
68. LIMA, H. J. **Categorias lexicais na língua brasileira de sinais: nomes e verbos**. Goiânia, 2012.
69. LIMA, V. L. de S. e. **Língua de sinais: proposta terminológica para a área de desenho arquitetônico**. 2014. 272f. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva)– Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2014.
70. LONGHIN-THOMAZI, S. R.; RODRIGUES, A. Coordenação em foco: relações pragmáticas de foco em construções complexas. **Suplementos de Lusorama**, Germany, v. 85-86, p. 107-136, 2011.
71. MACHADO, A. R.; LOUSADA, E.; ABREU-TARDELLI, L. S. **Resenha**. São Paulo: Parábola, 2004.

72. MACHADO, R. N. **Empréstimos Linguísticos na Libras**: primeira turma do curso de Letras Libras da UFSC. 2016. 135f. Dissertação (Mestrado em Linguística)– Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.
73. MARCUSCHI, L. A. **Linguística de texto**: o que é e como faz. Recife: UFPE, 1983. (Série Documentos, v.1).
74. MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.
75. MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola, 2010.
76. MARTELOTTA, M. E. (Org.) **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.
77. MARTINS, F. C.; STUMPF, M. R. Coleta e registro de sinais-termos psicológicos para Glossário de Libras. **Leitura**, v.1, p.35-59, 2017.
78. MARTINS, F. C. **Terminologia da Libras**: coleta e registro de sinais termo da área de psicologia. 2018. 613 f. Tese (Doutorado em Linguística)– Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.
79. MARTINS, M.; FERREIRA, J. P.; MINEIRO, A. **Os dicionários e os avatares gestuais**: o que são, como se fazem e para que servem. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa Editora, 2012.
80. MAURI, Caterina. **Coordination Relations in the Languages of Europe and Beyond**. Berlin/ New York: Mouton de Gruyter, 2008.
81. McCLEARY, L. **Sociolinguística**. Curso de Licenciatura em Letras-Libras Modalidade a Distância. Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.
82. MEIR, I. Syntactic-Semantic Interaction in Israeli Sign Language Verbs: The Case of Backwards Verbs. In: **Sign Language & Linguistics**. Milano: John Benjamins & Hag Publications, 1998. v.1.
83. MEIR, I.; SANDLER, W. **A language in space**: the story of Israeli Sign Language. New York: Lawrence Erlbaum Associates, 2008.
84. MOURÃO, C. Literatura Surda: produções culturais de surdos em língua de sinais. In: KARNOPP, L. B.; KLEIN, M.; LUNARDI-LAZZARIN, M. (Ed.). **Cultura surda na contemporaneidade**. Canoas: Editora ULBRA, 2011. p. 71-90.

85. MÜLLER, J. I.; KARNOPP, L. B. Tradução cultural em educação: experiências da diferença em escritas de surdos. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 41, n. 4, p. 1041-1054, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s1517-97022015031750>. Acesso em: 20 ago. 2020.
86. NAPOLI, D. J.; SUTTON-SPENCE, R.; QUADROS, R. M. de. Influence of predicate sense on word order in sign languages: intersnial and extensional verbs. **Language**, v. 93, n. 3, p. 641-670, set. 2017.
87. NASCIMENTO, C. B. **Empréstimos Linguísticos do Português na Língua de Sinais Brasileira – LSB: Línguas em Contato**. 2010. 111 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.
88. NASCIMENTO, M. V. B. **Formação de intérpretes de libras e língua portuguesa: encontros de sujeitos, discursos e saberes**. 2016. 318f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.
89. NASCIMENTO, V. Janelas de Libras e gêneros do discurso: apontamentos para a formação e atuação de tradutores de língua de sinais. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 56, n. 2, p. 461-492, mai./ago. 2017.
90. NEVES M. H. M. **Gramática de usos do Português**. São Paulo: Editora da Unesp, 2000.
91. NEVES, M. H. de M. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2011.
92. NEVES, M. H. M. **Gramática funcional: interação, discurso e texto**. São Paulo: Contexto, 2018.
93. NEVES, M. H. M.; BRAGA, M. L.; DAL'AGLIO-HATTNER, M. As Construções Hipotáticas. In: MOURA NEVES, M. H.; Dal'Áglío-Hhattner, M. (Org.). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil: classes de palavras e processos de construção**. Campinas: Editora da Unicamp, 2008. v. 2.
94. NEVES, M. H. de M. O coordenador interfrasal mas – invariância e variantes. **Revista ALFA**, n. 28: 21-42. São Paulo, 1984.
95. OLIVEIRA, J. S.; MIRANDA, R. D.; STUMPF, M. R. Glossário Letras-Libras – a trajetória dos sinalários no curso: como os sinais passam a existir? In: QUADROS, R. M. de (Org.). **Letras Libras ontem, hoje e amanhã**. Florianópolis: UFSC, 2014. p. 169-190. v. 1.

96. OLIVEIRA, J. S. de. **Análise descritiva da estrutura querológica de unidades terminológicas do glossário Letras-Libras**. 2015. 425f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução)– Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.
97. OLIVEIRA, J. L. de. **Texto acadêmico: técnicas de redação e de pesquisa científica**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
98. ORFANIDOU, E.; WOLL, B.; MORGAN, G. (Ed.). **Research methods in sign language studies: a practical guide**. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2015.
99. OTHERO, G. Á.; KENEDY, E. (Org.). **Sintaxe, sintaxes: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2015.
100. PAULUS, L. **Der Konditionalsatz in Deutscher Gebärdensprache (DGS) und Brasilianischer Gebärdensprache (Libras) - Eine empirische soziolinguistische Studie**. 2019. Tese (Doutorado). Universidade de Gottinga, Alemanha, 2021.
101. PÊGO, C. F. **Sinais não-manuais gramaticais da LSB nos traços morfológicos e lexicais: um estudo do morfema-boca**. Brasília, 2013.
102. PERINI, M. A. **Sintaxe**. São Paulo: Parábola, 2019.
103. PETRONIO, K.; LILLO-MARTIN, D. WH Movement and the Spec of CP: Evidence from American Sign Language. **Language**, v. 73, n. 1, p. 18-57, 1997.
104. PFAU, R. Syntax: complex sentences. In: BAKER, A. et al. (Ed.). **The Linguistics of Sign Languages: an introduction**. Amsterdam: Benjamins, 2016. p. 149-172.
105. PIMENTA, N.; QUADROS, R. M. de. **Curso de Libras 1: iniciante**. 3. ed. Rio de Janeiro: LSB, 2008.
106. PIZZIO, A. L. **A tipologia linguística e a língua de sinais brasileira: elementos que distinguem nomes de verbos**. 2011. 237f. Tese (Doutorado em Linguística)– Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.
107. PIZZIO, A. L. et al. **Língua Brasileira de Sinais III**. Texto-base para o curso de licenciatura em Letras-Libras à distância. Florianópolis: UFSC, 2009.

108. PRETI, D. **Sociolingüística**: os níveis de fala: um estudo sociolingüístico do diálogo da literatura brasileira. 9.ed. São Paulo: Editora da USP, 2003.
109. PRETI, D. Tipos de frames e falantes cultos. In: PRETI, Dino (Org.). **Estudos de língua falada**: variações e confrontos. São Paulo: Humanitas, 1998.
110. QUADROS, R. M. de. **As categorias vazias pronominais**: uma análise alternativa com base na língua de sinais brasileira e reflexos no processo de aquisição. 1995. Dissertação (Mestrado em Linguística e Letras)—Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.
111. QUADROS, R. M. de. **Phrase structure of Brazilian Sign Language**. 301f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada)—Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.
112. QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. **Língua de sinais brasileira**: estudos lingüísticos. Porto Alegre: ArtMed, 2004.
113. QUADROS, R. M.; LEITE, T. **Projeto Inventário Nacional de Libras**. Manuscrito n/p. 2013.
114. QUADROS, R. M. A transcrição de textos do *Corpus* de Libras. **Revista Leitura**, Línguas de Sinais: abordagem teórica e aplicadas, v. 1, n. 57, p. 8-34, jan./jun. 2016a.
115. QUADROS, R. M. de. Documentação da língua brasileira de sinais. In: GARCIA, M. V. C. et al. (Org.). **Anais do Seminário Ibero-americano de Diversidade Linguística 2014**. Brasília: Iphan, 2016b.
116. QUADROS, R. M. et al. A coleta de dados: instrumentos utilizados no Inventário Nacional da Língua Brasileira de Sinais. VIII ENCONTRO INTERNACIONAL DE INVESTIGADORES DE POLÍTICAS LINGÜÍSTICAS, Florianópolis: UFSC, 2017. Programa de Políticas Linguísticas. Núcleo Educação para a Integração. Associação de Universidades Grupo Montevideo. **Anais...** 2017a.
117. QUADROS, R. M. de. **Língua de herança**: língua brasileira de sinais. Porto Alegre: Penso, 2017b.
118. QUADROS, R. M. de et al. **Corpus de Libras**. Florianópolis, UFSC, 2017b. Disponível em: <http://corpuslibras.ufsc.br/>. Acesso em: 10 mar. 2018.
119. QUADROS, R. M. **Libras**. São Paulo: Parábola, 2019a.

120. QUADROS, R. M. et al. **Língua Brasileira de Sinais**: patrimônio linguístico brasileiro. Florianópolis: Garapuvu, 2019b. Disponível em: <http://www.corpuslibras.ufsc.br/publicacoes/index?page=2>. Acesso em: 20 ago. 2020.
121. QUADROS, R. M. de; LOHN, J. T.; SCHMITT, D. Calendric variation in Libras. Calendric variation in sign languages. Noprelo.
122. QUER, J. (Org.). **SignGram Blueprint**: a guide to Sign Language Grammar Writing. Germany: De Gruyter Mouton, 2017.
123. RODRIGUES, A. As orações adversativas na Língua Brasileira de Sinais: uma abordagem semântico-funcional. **Jornal Sensos-e**, Universidade do Porto, 2019.
124. RODRIGUES, A. **Gramaticalização de conjunções na Língua Brasileira de Sinais**: um estudo sobre a mudança linguística nas línguas de sinais. 2020. Tese (Livre Docência em Linguística)– Universidade Estadual de São Paulo, Araraquara, 2020. Noprelo.
125. RODRIGUES, A.; [SOUZA, J. C.](#) Gramaticalização do sinal MOTIVO na língua brasileira de sinais: uma análise baseada no uso. **Revista do GEL**, v. 16, p. 53-82, 2019.
126. ROSE, H. The poet in the poem in the performance: the relation of body, self, and text in ASL literature. In: BAUMAN, H-D.; NELSON, J.; ROSE, H. (Ed.). **Signing the Body Poetic**. California: University of California Press, 2006. p. 130-146.
127. ROYER, Miriam. **Análise da ordem das palavras nas sentenças em Libras do Corpus da Grande Florianópolis**. 2019. 152f. Dissertação (Mestrado em Linguística)– Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.
128. SANDLER, W. Prosody and Syntax in Sign Languages. **Transactions of the Philological Society**, v. 108, n. 3, p. 298-328, 2010.
129. SANDLER, W.; LILLO-MARTIN, D. **Sign language and linguistic universals**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

130. SCHMIDT, S. J. **Conceito e geração de texto**: Linguística e teoria de texto. São Paulo: Pioneira, 1978.
131. SILVA, Rodrigo Custódio da. **Gêneros emergentes em Libras da esfera acadêmica**: a prova como foco de análise. 2019. 241f. Tese (Doutorado em Linguística)– Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.
132. SILVA, Rodrigo Custódio da. **Indicadores de formalidade no gênero monológico em Libras**. 2013. 161f. Dissertação (Mestrado em Linguística)– Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.
133. STUMPF, M. S.; OLIVEIRA, J. S. de; DUTRA, R. M. **The letras libras glossary as a tool for the study of terminological units in Libras (Brazilian Sign Language)**. No prelo.
134. SUTTON-SPENCE, R.; KANEKO, M. **Introducing Sign Language Literature: Creativity and Folklore**. Basingstoke: Palgrave Press, 2016.
135. SUTTON-SPENCE, R. et al. **Artistas surdos contam suas histórias: quais foram suas influências?** **Revista Brasileira de Vídeo Registros em Libras**. 3. ed. 2017. Disponível em:
<http://revistabrasileiravrlibras.paginas.ufsc.br/publicacoes/edicao-no-0032017/>. Acesso em: 10 jul. 2020.
136. SWEETSER, E. **From Etymology to Pragmatics: Metaphorical and Cultural Aspects of Semantic Structures**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
137. TANG, G.; LAU, P. **Coordination and Subordination**. In: PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. **Sign Language: an International Handbook**. Germany: De Gruyter Mouton, 2012.
138. UFSC. **Glossário de Libras**. <http://www.glossario.libras.ufsc.br/>. Acesso em: 20 nov. 2019.
139. VAL, M. G. C. **Redação e textualidade**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
140. DER KOOIJ, E. V. D.; CRASBORN O; EMMERIK, W. Explaining prosodic body leans in Sign Language of the Netherlands: pragmatics required. **Journal of Pragmatics**, n. 38, p. 1598-1614, 2006. Disponível em:
https://www.researchgate.net/publication/215685483_Explaining_prosodic_body_leans_in_Sign_Language_of_the_Netherlands_Pragmatics_required. Acesso em: 30 mar. 2019.
141. VITAL, M. V. E. (Org.). **Invitación a la Linguística**. Madrid: UNED, 2011.

142. WATERS, D.; SUTTON-SPENCE, R. Connectives in British Sign Language. **Deaf Worlds**, v. 21, n. 3, p. 1-29, 2005.
143. WINSTON, E. A. Spatial referencing and cohesion in an american sign language text. **Sign Language Studies**, Linstok Press, p. 397-409, 1991.
144. WINTERSTEIN, G. What but-sentences argue for: an argumentative analysis of but. **Lingua**, n. 122, p. 1864-1885, 2012.
145. WUSTER, E. **Introducción a la teoría general de la terminología y a lexicografía terminológica**. Barcelona: Institut Universitari de Linguística Aplicada: Univertat Pompeu Fabra, 1998.
146. XAVIER, A. N.; BARBOSA, F. V. Variabilidade e estabilidade na produção de sinais da Libras. **Domínios de Linguagem**, Uberlândia, v. 11, n. 3, jul./set. 2017.
147. XAVIER, A. N. **Uma ou duas? Eis a questão!** Um estudo do parâmetro número de mãos na produção de sinais da língua brasileira de sinais (Libras). 2014. 146 f. Tese (Doutorado em Linguística)– Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2014.
148. ZORZI, G. **Coordination and gapping in Catalan Sign Language (LSC)**. 2018. 410f. Tese (Doutorado em Linguística e Línguas)– Universitat Pompeu Fabra, Departamento de Tradução e Ciências de Linguagem, Barcelona, 2018.

REFERÊNCIAS CAPÍTULO 6: PESQUISAS COM LIBRAS

TRADUÇÃO DOS RESUMOS:

João Paulo Ampressan

Bruna Estefani Libano Alves

Região Sul

- 6.1 PIZZIO, Aline Lemos. **A variabilidade da ordem das palavras na aquisição da língua de sinais brasileira**: construções com tópico e foco. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2006. Disponível em:
<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/88693>
- 6.2 PIZZIO, Aline Lemos. **A Tipologia linguística e a língua de sinais brasileira**: elementos que distinguem nomes de verbos. 237 p. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2012. Disponível em:
<http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/95954>
- 6.3 Douettes, Brenno Barros. **A tradução na criação de sinais-termos religiosos em Libras e uma proposta para organização de glossário terminológico semibilíngue**, Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2015. Disponível em:
<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/160764>
- 6.4 CRUZ, Carina Rebello. **Proposta de instrumento de avaliação da consciência fonológica, parâmetro configuração de mão, para crianças surdas utentes da língua de sinais brasileira**. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2008. Disponível em:
<http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/1834>

- 6.5 Corrêa, Fabiana Schmit. **Língua brasileira de sinais: expressões inovadoras**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-graduação em Linguística, Florianópolis, 2014. Disponível em:
<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/128811>
- 6.6 PASSOS, Gabriele Cristine Rech dos. **Os intérpretes de língua de sinais: atitudes frente à língua de sinais e às pessoas surdas**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/93551>
- 6.7 DINIZ, Heloise Gripp. **A história da língua de sinais brasileira (Libras): um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós Graduação em Linguística, Florianópolis, 2010. Disponível em:
<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/93667/282673.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- 6.8 OLIVEIRA, Janine Soares de. **Análise descritiva da estrutura querológica de unidades terminológicas do glossário Letras-Libras**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/160649>
- 6.9 CHRTSTMANN, Karine Elis. **Processo de aquisição da linguagem de crianças surdas com implante coclear em dois diferentes contextos**: Aplicação do método Extensão Média do Enunciado (EME) e apresentação de estudos dos estágios de aquisição com dados em Língua de Sinais. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em linguística, Florianópolis, 2015. Disponível em:
<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/158429>
- 6.10 FERNANDES, Letícia. **Depoimentos de ouvintes universitários sobre a escrita da língua de sinais**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Curso de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2011. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/95158>
- 6.11 SILVA, Lídia da. **Investigando a categoria aspectual na aquisição da língua brasileira de sinais**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-graduação em Linguística, Florianópolis, 2010. Disponível em:
<http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/94106>

- 6.12 MORAES, Luciana Viegas Alves Craveiro. **A gramática da Língua Brasileira de Sinais**: aspectos sintáticos. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/88341>
- 6.13 LUCHI, Marcos. **Interpretação de descrições imagéticas: onde está o lexico?** Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/106845>
- 6.14 SILVA, Maria Clara Corsini. **Aprendizagem da língua inglesa como terceira língua (L3) por aprendizes surdos brasileiros**: investigando a transferência léxico-semântica entre línguas de modalidades diferentes. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2089>
- 6.15 BARROS, Mariângela Estelita. **Elis - Escrita das Línguas de Sinais**: proposta teórica e verificação prática. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2008. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/91819>
- 6.16 ADRIANO, Nayara de Almeida. **Sinais Caseiros**: uma exploração de aspectos linguísticos. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2010. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/103258>
- 6.17 CASTRO, Nelson Pimenta de. **A tradução de fábulas seguindo aspectos imagéticos da linguagem cinematográfica e da língua de sinais**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, 2012. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/100721>
- 6.18 PEDROSO, Raquel Maria Cardoso. **A estrutura narrativa de professores-intérpretes de libras em escolas de ensino básico**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/128866>

- 6.19 SILVA, Rodrigo Custódio da. **Indicadores de formalidade no gênero monológico em libras**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/122823>
- 6.20 NOBRE, Rundesth Sabóia. **Processo de grafia da língua de sinais: uma análise fono-morfológica da escrita em signwriting**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Curso de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/130863>
- 6.21 AVELAR, Thaís Fleury. **A questão da padronização linguística de sinais nos atores-tradutores surdos do curso de letras - Libras da UFSC**: estudo descritivo e lexicográfico do sinal. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2010. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/103250>
- 6.22 PATERNO, Uéslei. **A política lingüística da rede estadual de ensino em santa catarina em relação à educação de surdos**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/89564>
- 6.23 CARVALHO, Vilmar Fernando. **Avaliação dos acadêmicos ouvintes e professores surdos na ufsc na disciplina de Libras como L2**: os cinco tipos de prova. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/157300>

Região Sudeste

- 6.24 TAKAHIRA, Aline Garcia Roderio. **Compostos na língua de sinais brasileira**. 2015. 203 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós Graduação em Semiótica e Linguística Geral, Usp, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-23112015-125742/pt-br.php>
- 6.25 XAVIER, Andre Nogueira. **Descrição fonético-fonológica dos sinais da língua de sinais brasileira (LIBRAS)**. 2006. 175 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós Graduação em Semiótica e Linguística Geral, Usp, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-18122007-135347/pt-br.php>

- 6.26 BACHLETE, Janny Aparecida. **Inserção da língua americana de sinais no ensino de língua inglesa: uma proposta dialógica de translanguismo entre surdos e ouvintes**. 2016. 128 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016. Disponível em: <http://repositorio.ufes.br/handle/10/10364>
- 6.27 MURTA, Michelle Andréa. **Metáforas em libras**: um estudo de seu uso por pessoas surdas. 2015. 95 f. Tese (Doutorado) - Curso de Mestrado em Linguística, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. Disponível em:
http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras_MurtaMA.pdf
- 6.28 MOREIRA, Renata Lúcia. **Uma descrição de Dêixis de Pessoa na língua de sinais brasileira**: pronomes pessoais e verbos indicadores. 2007. 150 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós Graduação em Semiótica e Linguística Geral, Usp, São Paulo, 2007. Disponível em:
<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-13112007-103644/pt-br.php>

Região Nordeste

- 6.29 SILVA, Anderson Almeida da. **Sintagmas nominais: semântica da referencialidade e determinação na Libras**. 2013. 120 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2013. Disponível em:
- 6.30 SOARES, Claudia Vivien Carvalho de Oliveira. **Construção de sentidos em ambientes virtuais de aprendizagem**: os fóruns de discussão do Curso Letras Libras – Polo Bahia. 150 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 2011. Disponível em:
<http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/8581>
- 6.31 GOMES, Dannytza Serra. **Língua Brasileira de Sinais [manuscrito]** : escolhas lexicais e desenvolvimento do tópico discursivo. 102 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2009. Disponível em:
<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/6116>
- 6.32 NASCIMENTO, Glaucia Renata Pereira do. **Aspectos da organização de textos escritos por universitários surdos**. 2008. 256 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2008. Disponível em:
<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7222>

- 6.33 PIRES, Ludmila Correia. **Gêneros textuais como instrumento de mediação simbólico no ensino-aprendizagem de língua portuguesa como segunda língua para surdos**: um estudo de caso. 97 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens, Vitória da Conquista, 2014. Disponível em: <http://www2.uesb.br/ppg/ppgcel/wp-content/uploads/2017/07/Disserta%C3%A7%C3%A3o-Mestrado-em-Letras-UESB-Turma-2012-Ludmila-Correia-Pires-ilovepdf-compressed.pdf>

Região Norte

- 6.34 SIQUEIRA, Ariela Soraya do Nascimento. **Surdez, linguagem e educação**: quem ouve o sujeito surdo? – Universidade Federal do Amazonas, Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Ciências Humanas e Letras, Amazonas, 2015. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/4821>
- 6.35 AZEVEDO, Marlon Jorge Silva. **Mapeamento e Contribuições Linguística do professor surdo aos índios surdos da Etnia Sateré-Mawé na Microrregião de Parintins**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Estado do Amazonas. Programa de Pós-Graduação de Letras e Artes, Amazonas, 2015. Disponível em: <http://repositorioinstitucional.uea.edu.br/handle/riuea/1900>
- 6.36 ARAÚJO, Nina Rosa Silva. **A posição de um sujeito em Língua Brasileira de Sinais**. Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade da Universidade Federal do Acre, Acre, 2015. Disponível em: <https://posletrasufac.com/dissertacoes-e-teses/>
- 6.37 ANDRADE, Wagner Teobaldo Lopes de. **Variação fonológica da libras: um estudo sociolinguístico de comunidades surdas da Paraíba**. 2013. 140 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6416>

Região Centro-oeste

- 6.38 ARAÚJO, Adriana Dias Sambranel de. **As expressões e as marcas não-manuais na Língua de Sinais Brasileira**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Brasília, 2013. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/14621>
- 6.39 PÊGO, Carolina Ferreira. **Sinais não-manuais gramaticais da LSB nos traços morfológicos e lexicais**: um estudo do morfema-boca. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Brasília, 2013. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/13303>

- 6.40 RESENDE, Carolina Silva. **Assimilação na língua de sinais brasileira**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Brasília, 2012. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/12027>
- 6.41 PAGY, Fabiane Elias. **Reduplicação na língua brasileira de sinais (LIBRAS)**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Brasília, 2012. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/11674>
- 6.42 LIMA, Hildomar José de. **Categorias lexicais na língua brasileira de sinais: nomes e verbos**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Goiânia, 2012. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/4423>
- 6.43 CHAIBUE, Karime. **Universais linguísticos aplicáveis às línguas de sinais: discussão sobre as categorias lexicais nome e verbo**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Goiânia, 2013. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/3792>
- 6.44 CUNHA, Karina Miranda Machado Borges. **A estrutura silábica na Língua Brasileira de Sinais**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários, Goiânia, 2011. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/2409>
- 6.45 ARAUJO, Magali Nicolau de Oliveira de. **Os espaços na Libras**. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Brasília, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/22915>
- 6.46 LIRA, Magnolia de Souza. **Ordem dos termos em estruturas oracionais na língua de sinais brasileira: um estudo em narrativas infantis**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Brasília, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/16642>
- 6.47 AGUIAR, Thiago Cardoso. **Nova proposta de sílaba em Libras**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Goiânia, 2013. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/3242>

REFERÊNCIAS CAPÍTULO 7 - PESQUISAS SOBRE OUTRAS LÍNGUAS DE SINAIS

Resumos elaborados por Carlos Ludwig e Ronice Müller de Quadros
Traduções para Libras por Rimar Segalla e Ronice Müller de Quadros

O paradoxo da morfologia das línguas de sinais

Mark Aronoff – Universidade de Stony Brook

Irit Meir – Universidade de Haifa

Wendy Sandler – Universidade de Haifa

Aronoff, Mark; Meir, Irit; Sandler, Wendy (2005). The paradox of sign language morphology. **Language** 81, 301-344.

Mark Aronoff, Irit Meir e Wendy Sandler discutem, em seu artigo, a complexidade da morfologia das línguas de sinais. As línguas de sinais possuem uma morfologia bipartida: uma simultânea e outra sequencial. Embora haja semelhanças entre a morfologia das LS, há também diferenças específicas de cada língua de sinais em particular. Os sistemas morfológicos das LS são de 2 tipos: um érico, complexo e simultâneo; o outro é esparso, simples e sequencial.

ASL e a Língua de Sinais Israelense (ISL) possuem esses 2 tipos de morfologia – um simples e outro complexo. Isso acontece por 2 motivos:

- 1 - porque são transmitidas pelas mãos, face e corpo e percebidas pelos olhos, as LS podem mostrar conceitos espaço-temporais de uma maneira mais direta do que as LOs.
- 2 – Dependendo do contexto sócio-cultural, as línguas de sinais têm um sistema simples da mesma forma que as LOs jovens (crioulas)

Aronoff, Meir e Sandler levanta o enigma das línguas de sinais jovens. Ao contrário das línguas orais jovens que possuem poucas estruturas morfológicas, em comparação às línguas de orais mais antigas, as línguas de sinais jovens dispõem de uma morfologia bastante rica e complexa. É importante destacar que as línguas de sinais jovens possuem um sistema morfológico muito semelhantes. Elas possuem estruturas morfológicas complexas tais como sistema de concordância verbal, construções classificadoras, aspectos verbais, uso do espaço referencial, dentre outros aspectos. Os autores dão o exemplo do verbo OLHAR na ASL, o qual pode ser flexionado em concordância entre **sujeito** e **objeto**, bem como apresenta **aspecto temporal**, além de possibilitar ser acompanhado pela marcação de **expressão facial** que funciona como um advérbio. Todas essas estruturas morfológicas complexas, como concordância verbal, construções classificadoras e aspectos verbais foram encontradas em todas as línguas de sinais amplamente estudadas. Esse sistema parece ter um desenvolvimento mais rápido nas LS do que o das línguas faladas. Esse sistema bifurcado das LS pode ser explicado pela a) juventude de línguas de sinais; b) modalidade de sua transmissão. Nesse sentido, a modalidade favorece a simultaneidade, porque os articuladores podem ser percebidos simultaneamente.

As línguas de sinais, assim como as línguas orais, podem desenvolver morfemas presos, embora o

tempo seja diferente: ou seja, as línguas sinais desenvolvem morfemas presos de forma mais rápida do que as LOs, considerando que a maioria das LS são muito jovens. A gramaticalização, em geral, leva tempo e o resultado é **sequencial** no início, uma vez que o morfema gramaticalizado evoluiu de uma palavra livre que necessariamente precedeu. O surgimento da morfologia flexional em uma dada língua requer tanto o surgimento de uma categoria gramatical quanto o desenvolvimento de morfemas presos específicos. O sistema flexional complexo e consistente leva tempo nas LO, mas nas LS é mais rápido. Por outro lado, a morfologia simultânea surge da capacidade das LS de representar certos conceitos espaciais e visuais iconicamente como: Origem, Trajetória, Tema, Alvo, Tamanho e Forma e Locação.

Os **pidgins** começam como línguas de contato simples, com vocabulário limitado, poucas categorias gramaticais e estrutura gramatical simples. Uma **língua** crioula se desenvolve quando um pidgin adquire falantes nativos e/ou se torna a língua principal para alguns ou a maioria de seus falantes. Língua crioula jovem surge do insumo linguístico e lexical inconsistente e incompleto.

De forma parecida, as Línguas de sinais de crianças surdas que não tem modelo linguístico de surdos adultos tendem a adquirir uma LS inconsistente, o que as obriga a reconstruir. Mesmo em línguas de sinais muito jovens, como a ISL – criada pela comunidade surda na década de 1930, a partir da mistura de outras LS de outros locais, e a Língua de Sinais da Nicarágua, que na década 1970, crianças surdas educadas numa escola estadual criaram a língua a partir de sinais caseiros, sem nenhuma outra LS como base, esses sistemas morfológicos são bastante produtivos.

A maioria das crianças surdas não é exposta a uma língua completa na primeira infância e, assim, desenvolve um sistema linguístico com base no insumo empobrecido e inconsistente. Como a grande maioria das crianças surdas tem pais ouvintes, a maioria dos sinalizantes não é exposta a uma língua completa desde o nascimento ou na primeira infância.

Além dos processos morfológicos complexos das LS, os classificadores podem ser considerados outro tipo de morfologia que envolve a combinação simultânea de morfemas. Os CL diferem acentuadamente de outros sinais, nos quais cada categoria tem status fonológico, mas não tem significado.

Concordância verbal nas LS

As línguas de sinais têm sistemas de concordância complexos, apesar de sua juventude. Os rudimentos dos sistemas de concordância são encontrados até mesmo em sinais caseiros, assim como em línguas de sinais muito jovens, como a LS da Nicarágua. Como se nota, em geral, todas as LS tem sistemas de concordância complexos, bem como todos os sistemas de concordância das LS pesquisadas são semelhantes.

Índices referenciais em língua de sinais

Os sintagmas nominais referentes a uma frase estão associadas a locações discretas no espaço, loci-R(eferenciais), com base na pesquisa de Lillo-Martin & Klima (1990). Essa associação é feita produzindo o sinal para o nominal e, depois, aponta ou olha para um local específico no espaço. No caso de um referente presente, aponta-se para a localização real = locus-R. O locus-R do sinalizante (primeira pessoa) é o peito do sinalizante; o locus-R do destinatário (segunda pessoa) é a locação do destinatário; para um referente de terceira pessoa ausente, o local no espaço à esquerda ou direita do sinalizante. Esses índices das LS são muito diferentes das LOs, que marcam o referente com afixos, ao passo que as línguas de sinais sempre marcam o referente no espaço para 1ª, 2ª e 3ª pessoa.

Além disso, no caso dos verbos de concordância nas LS, o sujeito e objeto são marcados de acordo com a

direção da mão. Aronof, Meir e Sandler propõe a Concordância Aliterativa Literal, que se opõe à proposta de Liddell de verbos de indicação. Na proposta dos autores, a concordância funciona como CÓPIA em que os índices são repetidos durante o discurso. Nas línguas de sinais, os Loci-R são repetidos no discurso. É importante destacar que, nas línguas de sinais, os loci-R associados aos substantivos não fazem parte de suas representações fonológicas e não são propriedades lexicais dos sinais, ao passo que as línguas orais, em geral, têm afixos. Portanto, a diferença entre os dois tipos de cópia (repetição vs. apontamento repetido) surge da diferença entre *some* e *signal* (modalidade).

Os dois mecanismos morfológicos mencionados acima – a direção do movimento e a orientação da palma das mãos – são morfemas reais, expressos simultaneamente na morfologia verbal. Essa flexão é uma representação iconicamente motivada de estruturas conceituais gerais.

Construções Classificadoras

Há pelo menos 3 tipos de Classificadores nas Línguas de sinais: classificadores de tamanho e forma; classificadores de entidade e classificadores de manipulação (Klima & Bellugi 1979, Supalla 1982, Schembri 2003).

Os **Classificadores de tamanho e forma** são um conjunto de configurações de mão que classificam os referentes de acordo com seu tamanho e forma. Os **Classificadores de Entidade** classificam os referentes de acordo com a categoria semântica: humano em pé, humano sentado, veículo. Fazem também parte de construções complexas, ao ser combinado com outros classificadores (sinalizados pela outra mão) e com diferentes raízes de movimento que indicam formas direcionais e modos de movimento. Os **classificadores de manipulação** representam referentes que podem ser manipulados ou sofrem transformações com ações do sinalizante.

As línguas de sinais possuem construções complexas extensas de flexão verbal e de classificadores polimorfêmicos. No entanto, quando as construções classificadoras são lexicalizadas, elas se acomodam imediatamente ao modelo monossilábico LML. Nesse sentido, os classificadores apresentam um conjunto complexo de morfemas.

Morfologia sequencial das Línguas de Sinais

Morfologia sequencial é um fenômeno comum nas línguas de sinais, mas pouco pesquisado. Assim, possui afixos, da mesma forma que as línguas orais. Um exemplo dados pelos autores, são os sufixos negativos em ASL: NADA que pode ser incorporado ao sinal VER-ZERO. Segundo os autores, há uma restrição no uso de sufixos em ASL. Ou seja, existe uma restrição fonológica na ocorrência do sufixo: pode ocorrer apenas com radicais de uma mão. Essa restrição sustenta a afirmação dos autores de que as formas são palavras complexas em vez de duas palavras independentes. Há também uma restrição morfológica no radical do sufixo negativo: o sufixo pode ocorrer apenas com verbos simples, e não com verbos de concordância ou verbos de movimento.

Por fim, os autores sintetizam alguns elementos chave dos dois tipos de morfologia das línguas de sinais. Seus sistemas morfológicos são simultâneo e sequencial. No tipo simultâneo, autores pontuam as seguintes características: Universal nas línguas de sinais; Relacionado à cognição espacial; Arbitrário; Não relacionado a palavras livres; Semanticamente coerente; Produtivo; Menos variação individual. No tipo sequencial, eles apontam as seguintes características: Específico para as línguas de sinais individuais; Não relacionado à cognição espacial; Motivado; Gramaticalizadas a partir de palavras livres; Menos semanticamente coerente; Produtividade limitada; Variação individual considerável.

Carlo Cecchetto

Cecchetto, Carlo. (2012) Sentence types. In Roland Pfau, Markus Steinbach and Bencie Woll (eds.), **Sign Language: An International Handbook**, 2012, pp. 292-315. de Gruyter: Berlin.

Cecchetto analisa tipos de sentença em diversas línguas de sinais, mas em particular com dados da Língua Italiana de Sinais (LIS). Para Cecchetto, os tipos de sentença é uma categorização linguística convencional utilizada para se referir à relação da forma gramatical dos usos conversacionais. Os tipos de sentenças mais estudados nas línguas orais são sentenças declarativas, interrogativas e imperativas, ao passo que as exclamativas são pouco estudadas. Visto que as línguas de sinais possuem sentenças afirmativas, interrogativas e negativas, desenvolveram formas gramaticalizadas específicas que dão conta desses usos de sentenças. No caso das línguas de sinais, as pesquisas contemplam mais as sentenças declarativas e interrogativas, enquanto as outras estruturas são menos pesquisadas. Ferreira de Brito (1996) e Quadros (2006) abordam essas sentenças que possuem uma marcação não-manual (MNM) específica para indiciar o uso de um comando polido em Libras.

Perguntas polares (sim/não)

As línguas de sinais utilizam estratégias de marcação de perguntas polares (sim/não) de formas similares. Com efeito, todas as línguas de sinais estudadas até o momento empregam MNM específicas nas perguntas polares. Para Zeshan (2004), a MNM de perguntas polares nas LS pode englobar o conjunto das seguintes combinações de traços não-manuais: - elevação das sobrancelhas; olhos bem abertos; contato visual com o destinatário; posição de cabeça para a frente; e postura corporal para frente.

Em inúmeros casos, somente a MNM pode estabelecer a distinção entre perguntas polares e orações declarativas, como a elevação da sobrancelha, o aceno da cabeça e elevação do queixo no final da sentença.

Perguntas de Conteúdo (qu)

As perguntas de conteúdo (*qu*) foram estudadas em várias línguas de sinais do mundo, mas algumas controvérsias sobre os resultados ainda não foram resolvidas. Em geral, as línguas orais apresentam os sintagmas-*qu* na margem esquerda da sentença ou *in situ*. Nas línguas de sinais estudadas, os sintagmas-*qu* podem ser encontrados na periferia direita em perguntas de conteúdo. Mas há relatos em pesquisas de que os sintagmas-*qu* podem ser encontrados também na periferia direita ou *in situ*. Com base nessas pesquisas, vários pesquisadores propõem que os sintagmas-*qu* nas línguas de sinais podem acessar posições que não são disponíveis para os sintagmas-*qu* nas LOs. Cecchetto aponta que as análises dos movimentos remanescentes podem contribuir para explicar porque os sintagmas-*qu* se posicionam à direita nas línguas de sinais.

Duplicação do qu

Cecchetto relata que um traço frequente encontrados nas pesquisas em línguas de sinais é que o sintagma-*qu* das perguntas de conteúdo podem ser duplicados na sentença. Esse fenômeno foi detalhado em diversas línguas de sinais, como ASL, LSB, LIS, HZJ, ÖGSeNGT, segundo Cecchetto.

Outras construções com sintagmas-qu

Os sintagmas-qu podem ser encontrados em construções distintas das perguntas de conteúdo, como as orações complexas. É importante pesquisar se o movimento-qu pode ser detalhado nas línguas de sinais também. Em observações preliminares não foi encontrado orações relativas completas formadas pelo movimento-qu, embora as línguas de sinais apresentem outras estratégias de construções complexas que não envolvam esse fenômeno. As descrições das relativas foram encontradas na ASL, LIS e DGS. Segundo Cecchetto, é interessante observar que os marcadores das orações relativas identificado nas pesquisas dessas línguas de sinais são morfologicamente originados de pronomes demonstrativos ou pessoais, mas não de sinais-qu. Mais pesquisas são necessárias para mapear esse fenômeno nas línguas de sinais.

Segundo Cecchetto, é importante discutir se as MNM-qu nas perguntas de conteúdo está intrinsicamente associada aos sinais-qu. Para o autor, há várias construções em que os sinais-qu ocorrem com um MNM diferente da MNM-qu. No caso de perguntas indiretas, como analisado por Petronio e Lillo-Martin (1997), não apresentam MNM-qu que são geralmente comuns na ASL.

Uma questão relacionada é se a MNM-qu, concebido como a marcação não manual normalmente encontrada em perguntas de conteúdo, está intrinsecamente associada aos sinais-qu. A resposta a esta questão deve ser negativa, visto que é claro que há várias construções em que os sinais-qu ocorrem com uma MNM diferente da MNM-qu. Já mencionamos estruturas como (7) acima, que são analisadas como questões indiretas por Petronio e Lillo-Martin (1997) e que não exibem a MNM-qu normalmente encontrada na ASL. Assim, a distribuição das MNM-qu são amplamente determinadas por fatores sintáticos, embora alguns autores propõem que fatores não-sintáticos também podem desempenhar um papel importante, como questões pragmáticas nas perguntas de conteúdo, bem como as MNM-qu podem assumir características prosódicas (entonação), como afirma Cecchetto. Em suma, a MNM-qu é um fenômeno que agrega características sintáticas e fonológicas, com consequências substanciais para as perguntas de conteúdo-qu no uso.

Fonética

O. Crasborn

Crasborn, O. (2012) Phonetics. In Roland Pfau, Markus Steinbach and Bencie Woll (eds.), **Sign Language: An International Handbook**, 2012 pp. 4-20. de Gruyter: Berlin.

As línguas de sinais e as línguas faladas possuem canais perceptivos distintos: visão versus audição. Essa diferença de modalidade tem efeitos sobre as estruturas linguísticas das LS e LOs, principalmente em sua fonética, fonologia e gramática em geral. No entanto, essa diferença de modalidade não é um contraste “preto-no-branco”, visto que as línguas orais também utilizam articuladores manuais, corporais e expressões faciais simultaneamente ao discurso. No caso das línguas de sinais, alguns sinais tendem a incorporar também uma certa “iconicidade sonora”, na medida em que os efeitos causados por impactos, explosões e vibrações podem ser representados na sinalização, principalmente pela boca, pelas bochechas e pelos músculos da face.

Em geral, as pesquisas sobre a fonética das línguas de sinais se concentram na articulação dos sinais, mas os articuladores braços, rosto e partes do corpo são pouco analisados nesses estudos. Nesse

sentido, a pesquisa fonética deve envolver também mãos, braços e outras partes do corpo, diferentemente de pesquisas que tendem a considerar apenas as articulações das mãos e dos dedos, quando muito apenas o estudo dos parâmetros.

Fonética vs. Fonologia

A distinção entre fonética e fonologia pode não ser transparente, principalmente se for levado em conta apenas os articuladores manuais. No entanto, a fonologia pesquisa a articulação dos sinais e suas especificações no tocante aos parâmetros e a execução do sinal de forma gradiente. Por outro lado, a fonética deve investigar a relação dos articuladores manuais, corporais e faciais, incluindo seus movimentos dos membros (dedos, mãos, braços, antebraços), músculos e juntas. A implementação fonética de um conjunto de articuladores é necessária para a execução de um fonema nas línguas de sinais. Crasborn faz um detalhamento de que forma a articulação dos membros fazem parte da realização de um determinado fonema, sem desconsiderar fatores sociolinguísticos e práticos. Nesse sentido, a pesquisa fonética das línguas de sinais se torna muito complexa.

Articulação

Níveis de descrição

Para realizar a descrição dos fonemas das línguas de sinais, Crasborn se apropria da terminologia da anatomia e fisiologia para o detalhamento fonético. Em relação à descrição dos articuladores, pode-se descrever a locação, orientação e movimento das partes do corpo no espaço de sinalização, seja os dedos, as mãos, o punho, braço, antebraço e cotovelo, seja o troco, ombros e a cabeça. Podemos analisar o giro do braço e pulso, bem como de outros membros como tronco, pescoço e cabeça. Em relação às mãos, aos dedos e outros membros, pode-se analisar a disposição das juntas, desde o ombro até as juntas mais distais dos dedos. Além disso, é possível analisar o movimento do ombro e o movimento restrito da clavícula e da omoplata, que podem afetar todo o braço e a até a mão.

Os termos anatômicos empregados podem ser, em relação ao braço, distal e proximal, tomando como ponto de partida o tronco. A disposição das mãos pode contralateral ou ipsilateral. Os lados da mão podem ser ulnar x radial e palmar x dorsal; a rotação do antebraço pode ser supino (palma para cima), neutro ou pronado (palma para baixo).

Crasborn também pontua o grau de liberdade dos articuladores: o cotovelo possui apenas um grau de liberdade; o punho possui dois graus de liberdade (flexão-extensão e flexão-extensão lateral); o ombro permite o movimento do braço na parte superior e possui três graus de liberdade ("flexão em duas dimensões mais giro em torno do eixo do braço superior").

Além do mais, é possível um detalhamento dos músculos envolvidos nos movimentos dos braços, mãos e da face. No entanto, como não são visíveis, é fundamental o conhecimento da anatomia, fisiologia e terminologia muscular para efetuar tais descrições. A descrição fonética pode envolver também as partes da cabeça, como a mandíbula, o giro da cabeça e os músculos da face. No caso da face, apenas a mandíbula inferior pode se mover, pois não há ossos sob a pele da face que possam se mover. Então, o que se percebe na descrição das expressões faciais é o impacto que os músculos têm sobre a face e a boca.

Facilidade de articulação

Crasborn cita a pesquisa de Mandel (1979) para o detalhamento da facilidade de articulação. Mandel pesquisou a articulação dos músculos extensores dos dedos, demonstrando que não são

suficientemente longos para que seja possível a flexão de todos os dedos, sempre que o punho estiver “flexionado ao máximo”. Esse detalhe fisiológico pode ter impacto no movimento do punho e dos dedos. Da mesma forma, o fechamento de todos os dedos terá efeitos sobre o punho e o movimento dos músculos do braço. Isso mostra uma relação de dependência entre a flexão e extensão do punho, da mão e dos dedos que não é percebida no nível fonológico. Mandel percebeu em sua pesquisa que há restrições anatômicas e fisiológicas no movimento, flexão e extensão dos membros, juntas e músculos que têm impacto sobre a implementação fonética.

Variação fonética

Lateralidade manual

Pesquisas apontam que a lateralidade manual (destro ou canhoto) é um fator que influencia a variação fonética. Há alguns indícios que os aprendizes de línguas de sinais L2 tendem a ter mais dificuldades se o sinalizante for canhoto.

Altura da mão

Pesquisas comprovam que a altura da mão em sinais comumente realizados no espaço neutro apresenta variação fonética quando realizados em locação mais alta. Mauk, Lindblom e Meier (2008) descobriram que a altura da mão na realização de sinais de locação no espaço neutro sofre influência da locação mais alta da mão se o sinal anterior ou posterior tiver locação mais alta. Assim também, uma pesquisa Tyrone e Mauk (2008) aponta o efeito inverso: sinais realizados no corpo têm assimilação na locação mais baixa se o sinal anterior ou posterior tiver uma locação mais baixa. Nesse sentido, Crasborn aponta que “a força do efeito é gradual e sensível à velocidade” da sinalização.

Configuração da mão

Há também efeitos similares de coarticulação em configurações de mão diferentes. Jerde, Soechting e Flanders (2003) encontraram influências progressivas e antecipatórias nas diversas CM num estudo da datilologia em ASL. Nesse estudo, encontraram tanto a assimilação quanto a dissimilação. A extensão dos dedos pode sofrer influência do sinal anterior ou posterior, conforme pontuando nas pesquisas desenvolvidas. Segundo Crasborn “sua natureza gradiente e sua dependência na amplitude da sinalização dá argumentos para interpretar essas descobertas como instâncias de coarticulação fonética e não de assimilação fonológica.”

Movimento

Crasborn descobriu que diferenças na articulação dos sinais sofrem influência da distância do sinalizante. Podemos fazer uma comparação das formas maiores e menores de um sinal com gritos e sussurros na fala. Crasborn eliciou essas alterações nas formas maiores e menores alterando a distância entre os sinalizantes da NTG. Encontrou que diferentes articulações de formas maiores ou menores dos sinais podem influenciar o movimento em diferentes juntas dos membros na execução dos sinais.

Conclusão

Crasborn pontua que há poucos estudos sobre a variação fonética, bem como o detalhamento das articulações dos membros na sinalização. Há um nível fonético evidente apontado nas pesquisas que é diferente do nível fonológico que precisam ser discutidos com mais profundidade, visto que as articulações fonéticas das línguas de sinais são tão complexas quanto a fonética das línguas orais. Dessa forma, é possível que haja semelhanças nas duas modalidades em algum nível fonético.

Uma gramática ou duas? As Línguas de Sinais e a Natureza da Linguagem Humana

Diane C. Lillo-Martin e Jon Gajewsky

Lillo-Martin, Diane & Gajewski, Jon (2014). One Grammar Or Two? Sign Languages and the Nature of Human Language. **WIRES Cognitive Science** 5, 387-401.

O artigo de Diane Lillo-Martin e Jon Gajewsky coloca algumas questões sobre a natureza da linguagem humana, em particular os efeitos de modalidade das línguas de sinais em sua gramática. Como foco principal, o artigo discute a viabilidade de considerarmos que as línguas faladas e de sinais possuem uma única gramática. Para tanto, discute as diferenças de modalidade oral/auditiva das línguas faladas, em contraste com a modalidade espaço-visual das línguas de sinais. Segundo os autores, “nossa conclusão será que “uma gramática” basta, mas, ao incluir o estudo das línguas de sinais em nosso trabalho de delinear uma noção de “linguagem humana natural”, expandimos e modificamos de maneira significativa essa noção.” (LILLO-MARTIN e GAJAWSKY, 2014, p.387).

Os autores discutem alguns aspectos específicos da modalidade das línguas de sinais que são contrastados com as línguas orais, tais como: arbitrariedade versus iconicidade, uso do espaço, simultaneidade versus linearidade. Vamos apresentar agora um breve relato desses aspectos, trazendo algumas contribuições que Diane Lillo-Martin e Jon Gajewsky fazem para pensarmos a gramática das línguas de sinais e suas interfaces com a das línguas orais.

Iconicidade

Os autores discutem a iconicidade a partir de três aspectos das línguas de sinais: a) a hipótese da visibilidade do evento, b) anáfora do conjunto do complemento e c) predicados classificadores. Essas qualidades das línguas de sinais demonstram que elas possuem “mais recursos incônicos à disposição para transmitir significado, incluindo informações sobre aspecto verbal, relações anafóricas e movimento/locação” (LILLO-MARTIN e GAJAWSKY, 2014, p. 392) do que as línguas orais, que apresentam as onomatopeias como o exemplo mais típico.

a) Hipótese da visibilidade do evento

A hipótese da visibilidade do evento pode ser definida como “no sistema predicado, a semântica da estrutura do evento é visível na forma fonológica do sinal predicado.” (LILLO-MARTIN e GAJAWSKY, 2014, p.391). Vendler propõe dividir os verbos da ASL em algumas categorias como: verbos de estados, atividades, realizações e conquistas. Esses verbos apresentam, em geral, uma fonologia específica que tende a demonstrar a iconicidade inerente desses eventos, que expressam elementos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos desses verbos. Por exemplos, verbos de estados e atividades tendem a ter apenas um ponto inicial e não há mudança significativa dos seus parâmetros, principalmente os movimentos que se limitam a ser lineares, cíclicos, alternados ou ilimitados. Um exemplo é o sinal ANDAR-DE-BICICLETA em ASL, que é semelhante em Libras, em que movimento das mãos representa o movimento em círculos alternados. Por outro lado, verbos de realizações e conquistas apresentam um estado final desses verbos, que altera um dos parâmetros iniciais do verbo. Um exemplo é o sinal ACONTECER em ASL que é executado com as duas mãos e envolve uma mudança na orientação das palmas de ambas as mãos com o dedo indicador estendido. Portanto, as estruturas fonológicas, morfológicas e sintáticas desses verbos tendem a incorporar aspectos semânticos do evento em questão.

b) Anáfora do conjunto do complemento

Diane Lillo-Martin e Jon Gajewsky discutem a referência pronominal das línguas orais com base em marcações de gênero (masculino e feminino) e número (singular e plural) que são explicitadas no sistema pronominal das línguas orais. Assim também, os autores discutem o uso da iconicidade na referência pronominal da ASL, que se assemelha às outras línguas de sinais como a Libras. A ASL usa loci especiais para referir-se a anáforas por meio de um arco que delineia, no espaço do sinalizante, um conjunto de sujeitos ou objetos que realizam determinado evento.

Exemplo em ASL:

POSS-1 ESTUDANTE IX-arco-ab MAIORIA IX-arco-a-VIRAULA.

“A maioria dos meus alunos veio para a aula”.

IX-arco-bb-FICAR CASA

“Eles (o resto) ficaram em casa”.

Assim, a anáfora do conjunto de complemento possibilita demarcar espacialmente o referente, de modo que o sinalizante consegue referir-se a esse sintagma nominal de forma anafórica.

c) Predicados classificadores

Os predicados classificadores podem ser considerados verbos de movimento e locação, que se combinam com configurações da mão (CM) que conseguem representar determinados sujeitos ou objetos. Em geral, há uma relação intrínseca entre a CM e o objeto representado que demonstram uma base icônica mais evidente do que as línguas orais apresentam. Um exemplo clássico, é uma pessoa em posição ereta que é representado pelo dedo indicador estendido na vertical. Nesse sentido, as línguas de sinais têm mais recursos icônicos disponíveis para representar itens que as línguas orais.

Por fim, vale destacar que a iconicidade inerente às línguas de sinais não é sinônimo de mímica ou pantomima, mas que há um traço arbitrário na configuração do sinal. As pesquisas de Klima e Bellugi apontam esses resultados, na medida em que a eliciação de sinais para ouvintes não sinalizantes comprovou que não é possível identificar o significado de um sinal icônico de forma imediata. Os sinais icônicos têm uma característica chamada de “transparência”, mas que, em geral, só pode ser evidenciada na medida em que se conhece o seu significado. Portanto, mesmo os sinais icônicos apresentam certo grau de arbitrariedade, na medida em que a comunidade de fala escolhe um único traço icônico que é convencionalizado nessa comunidade sinalizante para a criação de um determinado sinal.

Uso do espaço

O uso mais típico do espaço é chamado de *espaço referencial*. Nesse caso, um sinalizante refere-se pessoas ou objetos que são discutidos num determinado discurso, por meio de um sinal de apontamento, glosado como IX. Esse uso do espaço referencial possibilita que o sinalizante marque no espaço neutro diferentes sujeitos e possa referenciá-los durante toda sua sinalização.

Os loci associados a diversos referentes são discutidos como os verbos de concordância. São verbos que, em geral, iniciam no locus do sujeito gramatical e movem-se para o locus do objeto gramatical, no caso dos chamados verbos de concordância regulares, como os verbos DAR e AVISAR em Libras. Nos verbos de concordância reversos, o movimento inicia no objeto gramatical e finaliza no sujeito gramatical da sentença, como nos verbos CHAMAR e CONVIDAR em Libras. Assim, o uso do espaço é mais evidente nas línguas de sinais, embora possamos encontrar exemplos nas línguas orais como os chamados gestos co-discursivos utilizados pelos ouvintes.

Simultaneidade

Diane Lillo-Martin e Jon Gajewsky apresentam pesquisas que mostram que as línguas de sinais e as línguas faladas apresentam diversas formas de articular elementos linguísticos de modo simultâneo. No caso das línguas orais, mesmo que o discurso seja linear, há elementos como tom, entonação e outros elementos prosódicos que são enunciados simultaneamente. Da mesma forma, as línguas de sinais articulam os sinais de forma linear, embora apresentem mais elementos simultâneos como expressões faciais e corporais, que funcionam como elementos morfológicos e sintáticos; a suspensão de um sinal como pano de fundo discursivo, bem como a suspensão da boia como um recurso para recuperar facilmente o referente. As línguas de sinais conseguem articular dois elementos lexicais diferentes, mas esse recurso só acontece com limitações linguísticas bem restritivas, como manter a mão não dominante enquanto a mão dominante continua a sinalização. Assim, os efeitos de modalidade sobre as línguas de sinais e as faladas não as distanciam tanto como se propunha. O caso da simultaneidade e da linearidade dos itens lexicais apontam para a sobreposição de elementos linguísticos nas línguas de sinais, tanto quanto elementos gramaticais e extra-linguísticos tanto nas línguas orais.

A conclusão dos autores, portanto, é que os efeitos de modalidade influenciam na estrutura linguística das línguas de sinais tanto quanto das línguas faladas. No entanto, as especificidades de cada modalidade linguística convergem em alguns pontos, demonstrando que “uma gramática basta”.

Sobre o status linguístico de “concordância” nas Línguas de Sinais

Diane Lillo-Martin e Richard P. Meier

Lillo-Martin, Diane & Meier, Richard P. (2011). On the Linguistic Status of 'Agreement' in Sign Languages. Target article, **Theoretical Linguistics** 37, 95-141.

Diane Lillo-Martin e Richard P. Meier discutem o estatuto da concordância nas línguas de sinais. Segundo os autores, num primeiro momento, identifica-se os argumentos verbais das línguas de sinais pela ordem das palavras, por padrões de interpretação para argumentos nulos ou pelo sistema de modificação verbal chamado concordância ou direcionalidade dos verbos. Por exemplo, o verbo 1-DAR-a (eu dou a ela) ou b-DAR-1 (ele me dá), em que a direção do movimento do verbo muda para indicar os argumentos verbais. Embora alguns considerem formas icônicas ou até gestuais do verbo (Liddell), foi analisado com um complexo sistema de flexão verbal que concorda com pessoa (1ª, 2ª e 3ª) e número (singular e plural).

O fenômeno da direcionalidade se constitui no movimento de sinais verbais entre locações no espaço de sinalização. Os autores discutem esse fenômeno em termo de concordância verbal, assim como revisitam a posição de Liddell de que é impossível uma análise morfofonológica exaustiva das locações espaciais usadas nos verbos direcionais. Nesse sentido, Liddell argumenta que a direcionalidade não pode ser considerada concordância verbal. Sua análise propõe que são verbos que “apontam” para seus argumentos de forma gestual, chamados verbos de indicação. Nessa perspectiva, não há nenhum fenômeno na gramática nas línguas de sinais que indicie a concordância

verbal, visto que se trata de um componente gestual não listado no léxico da língua. Nesse sentido, os autores defendem que a marcação de pessoa existe nas línguas de sinais como um fenômeno gramatical, mas que deve ser considerado à luz da interface entre língua e gesto.

Os autores sugerem que o debate mais proveitoso não deve ser se o fenômeno é de concordância ou mero apontamento, mas se podemos considerar a direcionalidade como um tipo de marcação de pessoa. Nesse sentido, seu argumento é de que a direcionalidade marca a pessoa nas línguas de sinais, em particular na Língua de Sinais Americana (ASL), e, assim, os verbos direcionais são marcados por, pelo menos, um subconjunto de traços-*phi* (de pessoa e número).

O outro argumento é de que se trata de um fenômeno linguístico, não no sentido das línguas orais, que marcam a pessoa com um conjunto de flexões verbais, com um conjunto de traços marcados por LocI-R (eferencial). Nesse caso, o sinalizante marca pontos no espaço para marcar referentes ausentes, ou no caso de referentes presentes, simplesmente aponta para o local real do referente. As marcações são geralmente feitas com o dedo indicado apontando para um ponto no espaço de sinalização, que depois pode ser facilmente retomado pela direcionalidade dos verbos durante todo o discurso do sinalizante. Os verbos direcionais marcam os argumentos de 1ª, 2ª e 3ª pessoa pela direção da mão. Quando o sujeito do verbo for o sinalizante e o objeto um referente de 2ª ou 3ª pessoa, o movimento da mão parte o sinalizante (sujeito) em direção ao objeto (referente presente ou ausente). Se o sujeito verbal for um dos referentes da sinalização, o movimento direcional parte do referente de 2ª ou 3ª pessoa em direção ao objeto (1ª pessoa, ou outro referente marcado no espaço. Nesse caso também, a orientação da mão muda, como caso do sinal AJUDAR em Libras.

Os autores concluem, a partir das discussões propostas, que os verbos direcionais podem ser analisados como marcação de pessoa gramatical. A principal evidência para a análise dos autores parte de formas verbais em primeira pessoa que é mais uniforme nas línguas de sinais, com o argumento verbal sendo marcado próximo ao corpo do sinalizante. Para os autores, tanto as formas verbais de citação quanto as propriedades idiossincráticas desses verbos em primeira pessoa precisam ser listadas no léxico.

Um outro argumento é de que não só os verbos direcionais possuem um tipo de morfologia de marcação de pessoa, mas também apresenta correlatos sintáticos como a ordem dos sinais, os argumentos nulos e formas verbais auxiliares que podem ser considerados correlatos morfossintáticos das línguas faladas.

Embora os autores utilizem uma terminologia emprestada das línguas faladas, os verbos direcionais possuem propriedades linguísticas que os caracterizam de forma diferente dos sistemas de concordância das línguas orais. Enquanto que as línguas faladas possuem pronomes pessoais e morfologia verbal como a flexão, as línguas de sinais, como a ASL, parecem não marcar as distinções de pessoas por meio de um sistema de marcação típico das línguas orais. Há poucas evidências na ASL e em outras línguas de sinais de uma distinção gramaticalizada ou lexical para segunda e terceira pessoa. Portanto, a modalidade visual-gestual apresenta ricos traços espaciais das línguas faladas, os quais são amplamente incorporados pelos verbos direcionais nas diversas línguas de sinais estudadas até hoje.

Wendy Sandler

Sandler, Wendy (2012). Visual prosody. In Roland Pfau, Markus Steinbach, & Bencie Woll (Eds.), *Sign Language. An International Handbook*, 55-76. Berlin: Mouton de Gruyter.

Wendy Sandler propõe uma discussão sobre a prosódia visual nas línguas de sinais. A prosódia pode ser considerada a dimensão da língua que determina o modo como enunciamos nossas proposições. Quando utilizamos o tempo, a proeminência e entonação, estabelecemos uma relação entre esses componentes para expressar os enunciados. A prosódia possibilita enfatizar determinadas partes dos enunciados e destacar se ele se trata de afirmação, pergunta, negação, exclamação, se depende do conhecimento compartilhado e outras informações pragmáticas.

A análise de Sandler discute de que forma as línguas de sinais relaciona uma série de articuladores, como as duas mãos, partes da face, a cabeça e o corpo, num sistema linguístico prosódico. A posição de Sandler é de que sintaxe e prosódia são dois níveis separados, mas que interagem com componentes da gramática nas línguas de sinais, da mesma forma que se dá nas línguas faladas. O autor também demonstra que a prosódia é codificada pelos articuladores manuais e não-manuais, mas os quais não são de uso exclusivo da prosódia, pois podem ser usadas em outras “funções não-prosódicas” da gramática das línguas de sinais.

As articulações faciais são consideradas componentes entonacionais que se articulam com os articuladores manuais. Participam de um sistema prosódico mais amplo, composto por articuladores não-manuais e manuais, assim como servem como outros componentes na gramática além da prosódia.

Sandler aponta que, com as pesquisas nas línguas de sinais, um modelo de prosódia foi proposto, o qual divide a prosódia em três subcomponentes, a saber: ritmo (ou tempo), entonação e ênfase. Nesse modelo, é possível descrever os sinais e sua articulação com as expressões entonacionais. Segundo Sandler, o modelo apresenta a seguinte organização: a estrutura rítmica e temporal é expressada, em particular, pelas mãos, ao passo que a entonação é expressada pela face. A proeminência indica o ritmo, assim como tem como base características relacionadas aos articuladores manuais, que pode ser reforçada pelos músculos do corpo.

Entonação

Para Sandler, nas línguas de sinais, o equivalente à entonação das línguas orais é a entonação da face e alguns outros marcadores não-manuais. O padrão facial na sinalização é “previsto por fatores semânticos e pragmáticos” da língua. Alguns desses marcadores são tratados como elementos sintáticos, como as expressões faciais nas perguntas polares (sim/não), perguntas-qu, tópicos e orações relativas. No entanto, alguns consideram que essas marcações são mais prosódicas do que sintáticas. Nesse sentido, há uma tensão entre essas duas possibilidades que começou a ser investigada muito recentemente.

Em relação à expressão facial como entonação, Sandler pontua:

“(a) Ele cumpre muitas das mesmas funções pragmáticas da entonação vocal, como, por exemplo, diferentes tipos de perguntas, continuação de um constituinte para outro e informações compartilhadas.

(b) Está temporariamente alinhada com os constituintes prosódicos, em particular com sintagmas entonacionais.

(c) Pode ser dissociado das propriedades sintáticas do texto.”

Sandler argumenta que a expressão facial desempenha funções semânticas e pragmáticas da entonação nas línguas de sinais.

Proeminência ou Ênfase

A proeminência ou ênfase é importante para a compreensão dos enunciados, assim como o tempo e a entonação. As línguas de sinais podem marcar a proeminência ou ênfase com “pistas manuais de pausa, suspensão ou reiteração, bem como duração e tamanho crescente (deslocamento) caem consistentemente no último sinal nos sintagmas entonacionais das sentenças isoladas”. Numa pesquisa de Wilbur (1999) sobre a entonação da ASL, o autor relata que essa LS possui uma entonação que não tende a se mover para enfocar determinadas partes de um enunciado, mas as palavras ou sintagmas tendem a se mover para a posição proeminente final do sintagma ou sentença.

Algumas pistas não-manuais também possuem um papel significativo na expressão de ênfase. Na ASL, a ênfase contrastiva pode ser marcada pelo inclinação do corpo; na NGT, os sinalizantes usam as inclinações da cabeça, do corpo ou de ambas juntas para dar ênfase contrastiva, embora essa inclinação seja mais para as laterais do que para frente ou para trás nessa língua. Sandler também destaca que os aspectos pragmáticos da interação devem ser considerados também no processo de interpretação das inclinações. Há uma tendência de os sinalizantes se inclinarem para o lado oposto de seu interlocutor em enunciados de enquadramento de contexto, indiferente do conteúdo semântico, seja positivo ou negativo. Da mesma forma que esses aspectos pragmáticos sustentam a “marcação prosódica de informações antigas, novas ou compartilhadas” entre os sinalizantes, outros elementos pragmáticos devem ser levados em consideração no desempenho prosódico nas línguas de sinais.

Sandler relata que, na ASL, LS Isralense e outras LS, os movimentos inferiores da face denotam significados adverbiais ou de adjetivos. Esses movimentos podem diferir semanticamente dos da face superior atribuídos à entonação. Além disso, inúmeras outras articulações são feitas pela boca que possuem valor prosódico.

Outro movimento facial significativo apontado por Sandler é a “expressão facial afetiva ou emocional”. Algumas expressões faciais entonacionais parecem ser afetivas, segundo Sandler, e, conseqüentemente, não fazem parte dos níveis linguísticos das LS, da mesma forma que as línguas orais. O autor dá o exemplo do aceno negativo da cabeça que pode não desempenhar um papel gramatical, embora ainda não foi estudado de forma aprofundada. Segundo Sandler, pode ser às vezes atribuído à prosódia ou entonação, assim como pode ocorrer sem qualquer sinalização, mas pode ser empregado para negar um enunciado. Uma pesquisa de Pfau e Quer (2007) aponta que a negação com a cabeça na língua de sinais alemã e na língua de sinais catalã sugere que a distribuição do movimento da cabeça pode variar de língua para língua.

O olhar também tem sido analisado como não-manual, mas não pode integrar do sistema prosódico. As pesquisas apontam que o olhar pode ter funções não-linguísticas como tomada de turno, apontamento e/ou função sintática relacionadas à concordância. Sandler destaca que “as sobrancelhas e as pálpebras superiores e inferiores participam da prosódia, mas os globos oculares têm outra coisa em mente.”

Sandler conclui que as línguas de sinais possuem sistemas prosódicos ricos que empregam diversas

possibilidades fonéticas que as LS possuem: o rosto, as mãos, a cabeça e o tronco. Esses articuladores fazem parte de componentes gramaticais, assim como desempenham funções prosódicas com base na interpretação semântica e pragmática.

Fonologia das Línguas de Sinais: Questões e Teorias Fundamentais

Harry van der Hulst e Els van der Kooij

Hulst, Harry van der & van der Kooij, Els (2020). Phonological structure of signs – theoretical perspectives. In Josep Quer Villanueva, Roland Pfau and Annika Herrmann (eds.), **The Routledge Handbook of Theoretical and Experimental Sign Language Research**. Routledge.

Os autores Hulst e Kooij argumentam que as línguas de sinais parecem não dispor de alguns tipos de regras fonológicas bastante comuns das línguas faladas. Essa conclusão se baseia na noção de *fonologia de enunciação*, considerada “contínua” ou “gradiente” e *fonologia gramatical*, vista como “categórica” ou “discreta”. Hulst e Kooij propõem que “embora as línguas de sinais certamente mostrem a fonologia de enunciação (efeito de assimilação automática, processos de coarticulação e redução), não encontramos o que chamaremos de regras fonológicas gramaticais.” (p.1–2).

Hulst e Kooij discutem algumas restrições nas línguas de sinais: a) “Restrições sequenciais (sensíveis ao contexto)” e b) “restrições de estrutura de segmento (livre do contexto)”. Para os autores, as restrições sensíveis ao contexto, podem englobar restrições ligadas à maneira como as unidades principais se combinam para formar os sinais. Esses conjuntos de unidades principais foram encontrados em várias línguas de sinais estudadas no mundo todo.

Hulst e Kooij pontuam algumas restrições ligadas à composicionalidade dos sinais monomorfêmicos:

- As restrições de uma mão (1CM): Cada sinal tem apenas uma configuração de mão (Battison 1978)
- A restrição de uma locação (1L): Cada sinal tem apenas uma locação principal (Battison 1978)
- A restrição de um movimento (1M): Cada sinal tem apenas um movimento (Sandler 2011)

Em relação à **configuração de mão**, Hulst e Kooij afirmam que é internamente complexa, havendo uma unidade de dedo selecionada em primeiro plano em que contrasta com as não selecionadas em segundo plano, com traços específicos para cada dedo selecionado, por exemplo [um] e [todos]. Assim também, haveria uma unidade da posição dos dedos.

Hulst e Kooij discutem também as restrições da **Orientação**. A partir dos estudos de Stokoe, esse parâmetro foi considerado como “a *direção absoluta* (no espaço) da palma da mão e/ou dos dedos”, bem como as “posições de articulações (rotação) do antebraço”.

Os autores também abordam a **Locação** (ou espaço), como um dos principais componentes do sinal. Segundo Hulst e Kooij, para a compreensão da restrição de uma locação, faz necessário a divisão em uma **unidade de locação principal** e uma **unidade de configuração**. Sandler propôs **traços de configuração** para o detalhamento de locações mais específicas no espaço principal de articulação. Para se mapear um conjunto de traços de locações, é preciso uma análise do “status contrastivo da locação”, que pode ser caracterizada como uma “propriedade distintiva do sinal”. Assim, Sandler propôs um conjunto de traços de locações para um detalhamento de sublocações mais específicas

dentro do espaço de articulação.

Hulst e Kooij analisam também a restrição do **Movimento** na constituição do sinal. Como foi notado, “o movimento do sinal pode originar da definição de especificações que resultam em **movimentos direcionais**, mas também mudanças nos traços da configuração da mão, como aberto-fechado, reto-curvo ou mudanças na orientação podem estar envolvidas nos chamados movimentos locais.” Para Hulst e Kooij, os movimentos podem ser a) Movimento direcional, b) Movimento local, c) Mudança de abertura e d) Mudança de orientação. Nesse sentido, Hulst e Kooij estabelecem a “restrição de um movimento direcional: cada sinal tem apenas duas especificações de configuração.”

Sinais de duas mãos

Nos sinais com duas mãos, Hulst e Kooij recuperam noções já consolidadas na fonologia dos sinais como condição de simetria, em que os dois articuladores manuais possuem a mesma configuração de mão, orientação e movimento ou movimento alternado; e a condição de dominância, em que a mão não-dominante serve de ponto de articulação da mão dominante.

Sinais como segmentos únicos

A partir da proposta de Stokoe, de que as principais unidades de sinais fossem comparáveis aos fonemas, muitas pesquisas consideraram “uma grande diferença entre as línguas faladas e as de sinais é que os fonemas das línguas faladas ocorrem sequencialmente, enquanto que os fonemas dos sinais (“queremas”) ocorrem simultaneamente.” Assim, Hulst e Kooij argumentam que os sinais monomorfêmicos são monosegmentais, ou seja, possuem um único fonema.

Nesse sentido, os autores propõem que:

- “a. Nos sinais, como mostrado, o articulador e a locação são componentes independentes que pode classificar-se de forma razoavelmente livre;
- b. Nos sinais, o articulador possui 6 diferentes sub-articuladores
- c. A mão pode ter muitas configurações diferentes
- d. Nos sinais, o modo pode assumir muitas formas diferentes devido à magnitude do movimento.”

Hulst e Kooij percebem que as diversas LS apresentam menos variação nas “restrições fonotáticas do que as línguas faladas”.

Hulst e Kooij propõe algumas regras de articulação nas línguas de sinais. Em geral, os pesquisadores das línguas de sinais parecem focar mais na área da fonologia da elocução, em particular da implementação fonética. Assim, os autores citam exemplos de processos de implementação:

a. Execuções padrão

Por exemplo: Nenhuma especificação para locação > [espaço neutro],

b. Adaptações de configurações de mão e orientações para lugares específicos e vice-versa

Por exemplo: posição do polegar AS/S dependendo da orientação relativa ([radial] ou [palma])

c. Processos de assimilação entre unidades de sinais em sequências compostas/ locuções frasais

d. Processos de redução/eliminação, como queda da mão passiva, congelamento ou redução de mão passiva

e. Epêntese de movimentos não-lexicais

f. Outros processos frasais, por exemplo, melhoria do movimento para posição de sentença ou foco (Crasborn & van der Kooij 2013)

Em relação à **Iconicidade**, Hulst e Kooij discutem de que maneira pode determinar a forma das RMF. Eles classificam a iconicidade como **iconicidade discreta e iconicidade gradual**. Para eles, a “iconicidade discreta ocorre quando elementos independentemente motivados, isto é, de forma potencialmente distintos (tanto fonológicos quanto fonéticos) têm significado iconicamente codificado.” Assim, a motivação icônica tem um papel importante e recorrente no léxico, considerando-a fonológica e morfêmica. Um exemplo dado pelos autores é a locação no lado da testa frequentemente associado com o significado de “processo mental” como em PENSAR, ENTENDER, SONHAR, dentre outros. Se um elemento da RMF for motivado iconicamente, mas acontece apenas no léxico, ainda será considerado discreto, como é o caso da locação perto do rim no sinal RIM.

A iconicidade **gradual** acontece se a forma apresentar “propriedades fonéticas iconicamente motivadas”. Hulst e Kooij afirmam que o termo “iconicidade gradual” capta “o fato de que a articulação específica de uma unidade fonológica ou fonética motivada pode ser determinada pelo contexto referencial, mostrando uma 'cópia da forma'”, como acontece com as CMs abertas entre o polegar e os dedos selecionados para representar o objeto como livro ou pedaço de papel.

Hulst e Kooij concluem que, devido ao fato de que muitos elementos formais nos sinais apresentam significados incorporados, explica porque as línguas de sinais apresentam menos regras fonêmica (alomorfas), o que tornaria “a 'composição' semântica dos sinais” opaca, “removendo ou alterando a elementos formais com significado que parecem ser muito mais difundidos nas línguas de sinais” do que se imaginava. Assim, autores concluem que a fonologia das línguas de sinais é uma fonologia predominantemente de base conceitual e “semanticamente fundamentada”, diferente das línguas orais, cuja fonologia tem base fonética.

Classificadores

Inge Zwitserlood, Nijmegen (Países Baixos)

Zwitserlood, Inge (2012). Classifiers. In Roland Pfau, Markus Steinbach and Bencie Woll (eds.), **Sign Language: An International Handbook**, pp.158-186. de Gruyter: Berlin.

Inge Zwitserlood realiza um estudo aprofundado sobre as estruturas classificadores. No início das pesquisas sobre as línguas de sinais, os classificadores eram considerados apenas mímicas, gestos e pantomímicas, e suas primeiras descrições eram imagens visuais. Uma das pesquisas seminais foi desenvolvida por Supalla (1982; 1986), em que propôs que essas estruturas classificadoras fossem analisadas como estruturas linguísticas morfologicamente complexas. Nesse sentido, os classificadores são, em geral, considerados morfemas com um significado não específico, expressos por configurações de mão particulares a fim de representar entidades que denotam características salientes. Atualmente, os classificadores são, em geral, analisados como elementos significativos em estruturas morfologicamente complexas. Zeshan (2003), por exemplo, considera que os classificadores são as estruturas semilexizadas das línguas de sinais. No entanto, a complexidade dessas estruturas ainda não é clara, e existe muitas controvérsias sobre a maneira como devem ser analisadas, visto que não há uma metodologia específica para sua análise.

Supalla (1982, 1986) propõe uma categorização para os classificadores da ASL em 5 tipos principais: *Classificadores semânticos*; *Especificadores de Tamanho e Forma* (ETF); *Classificadores instrumentais*; *Classificadores de partes do corpo* e *classificador de corpo*. Podem ser definidos da seguinte forma:

1. Os *Classificadores semânticos* representam os substantivos com base em alguma característica semântica de seus referentes. Por exemplo, pertencentes a essa classe de humanos, animais ou veículos.

2. Os *Especificadores de Tamanho e Forma* (ETF) expressam substantivos de acordo com as características visual-geométricas de seus referentes. Dessa forma, classificam os referentes em relação à sua forma. Os ETFs vêm em dois subtipos:

- ETFs estáticos possuem uma configuração de mão (ou combinação de duas mãos) que indica o tamanho/forma de uma entidade;

- ETFs tracejados apresentam um movimento da(s) mão(s) que delinea o tamanho e/ou a forma de uma determinada entidade, em que a configuração de mão representa a dimensão dessa entidade.

3. Os *classificadores instrumentais* representam entidades com base em sua função como instrumentos ou ferramentas. Também podem ser classificados em 2 tipos:

- Classificadores instrumentais de mão, que uma mão que segura e/ou manipula uma outra entidade.

- Classificadores de ferramentas, nos quais a mão representa uma ferramenta sendo manipulada.

4. *Classificadores de partes do corpo*: partes do corpo representam a si mesmas (por exemplo, mãos, olhos) ou membros (por exemplo, mãos, pés).

5. *Classificador de corpo*: o corpo do sinalizante representa uma entidade animada.

Outras categorizações foram sugeridas para a ASL e várias outras línguas de sinais. Essas categorias têm um impacto muito significativo na interpretação dos classificadores e nas estruturas nas quais eles ocorrem. Atualmente, duas categorias principais são distinguidas: Os Classificadores de Entidades Inteiras – CLEI; e os Classificadores de Manipulação – CLM.

Os Classificadores de Entidades Inteiras – CLEI englobam os classificadores que representam diretamente os referentes, denotando traços semânticos e/ou de forma. Essa categoria compreende os classificadores semânticos de Supalla, os ETFs estáticos, alguns classificadores de partes do corpo e os classificadores instrumentais.

Os Classificadores de Manipulação – CLM se encontram os classificadores que representam entidades seguradas pela mão ou que manipuladas, com frequência, por um agente humano. Agrega os classificadores instrumentais e classificadores de partes do corpo.

Em relação aos ETFs tracejados, Zwitserlood aponta as seguintes características:

- (i) não são expressos por uma simples configuração de mão, e precisam do movimento tracejado para indicar a forma do referente;

- (ii) não podem ser combinados com verbos de movimento;

- (iii) denotam informações específicas sobre a forma (na verdade, todos os tipos de formas podem ser delineados, de quadrado a formato de estrela até o formato itálico);

- (iv) são usados em diversos contextos sintáticos, como substantivos, adjetivos, verbos e advérbios, e não parecem ser usados anaforicamente.”

Assim, a ASL tanto quanto outras línguas de sinais estudadas até o momento podem ser analisadas como tendo duas categorias principais de classificadores: **Classificadores de Entidade Inteira** e **Classificadores de Manipulação**.

Os classificadores nas LS geralmente ocorrem em combinação com verbos, especificamente verbos

que indicam: (i) o movimento de um referente no espaço, uma mudança de posição, sua locação ou sua existência em algum lugar no espaço específico; e (ii) a manipulação de referências (Supalla 1982, 1986; Schembri 2001).

Em relação à complexidade morfológica dos verbos classificadores, Zwitserlood aponta que Supalla (1982, 1986) apresenta uma extensa análise morfológica dos verbos classificadores. Um verbo classificador pode ser considerado uma combinação de um pequeno subconjunto de radicais verbais, o qual pode ser combinado com um grande número de afixos. O mais importante desses afixos é o classificador, que Supalla analisa um marcador de concordância para um argumento do substantivo da raiz do verbo.

Em relação à representação fonológica dos morfemas em verbos classificadores, Zwitserlood aponta que os classificadores nas línguas de sinais são frequentemente descritos como morfemas presos, isto é, afixos. Por outro lado, os radicais verbais dos classificadores e os classificadores, então, se complementam na implementação fonológica, e, por esta razão, a combinação simultânea de uma raiz e um classificador é sempre possível.

Zwitserlood coloca o questionamento se os classificadores são sinais complexos ou monomorfêmicos? Nesse sentido, os sinais nos quais o articulador manual (e outros parâmetros) são significativos, mas que não são verbos classificadores, são chamados de sinais “congelados”. Estes sinais originados de verbos classificadores passaram por um processo de lexicalização na língua (Supalla 1980; Aronoff, 2003). Assim, as configurações de mão, a locação e partes do movimento não podem mais ser substituídos por outras partes sem mudar o significado do sinal inteiro. Nesse sentido, o léxico “congelado” das línguas de sinais pode ter muitos sinais que podem ser morfológicamente complexos.